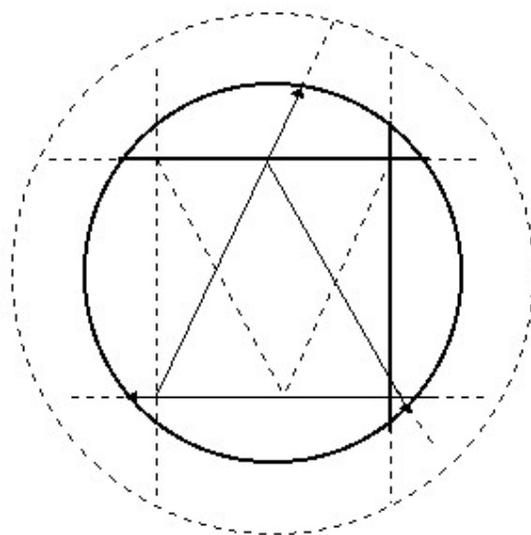


A Planície de Alétheia



Contribuição para a (re)construção teórica de uma
epistemologia de síntese.

Eduardo Dutra Aydos

Porto Alegre – 18 de agosto de 2001
URL: <http://www.geocities.com/edaydos/projeto.htm>

APRESENTAÇÃO

Apresentar “A PLANÍCIE DE ALÉTHEIA”, diz respeito a uma evocação do Autor, colega da Universidade desde 1967, em meio a uma ditadura anti-intelectualista, de alguém que sempre esteve estudando teorias e discutindo opções políticas.

Por isso Eduardo Dutra Aydos propõe que “no modo de produção cultural da Academia, seria conveniente reconhecer-se, com humildade socrática, que a Sabedoria prática pode e deve ser adquirida pela atividade produtiva no campo intelectual”, enfatizando que **“o excesso e a carência de proteção matam por igual a criatividade e a liberdade necessárias à produção intelectual”**.

Tantos caminhos para chegar a uma afirmativa que a todos nos responsabiliza:

“Tenho para mim que a **medida de um homem** é a condição do seu acesso à Sabedoria e, assim, à Verdade. Por isso mesmo toda obra é reflexão, toda reflexão é biografia, e toda biografia traduz o mundo da vida... onde se insere o homem na sua medida”.

Feliz instituição que pode contar entre seus membros tal ímpeto volitivo, alicerçado em fundado descortino teórico. Certamente a audácia criativa, o aprofundamento epistemológico e a vontade de saber em muito despertará a crítica, o debate, minorando, quiçá, a inveja.

Honrada a coletividade intelectual que pode contar entre seus produtores com alguém que se aventura nos conceitos, nas teorias, nas reflexões epistemológicas, com a densidade e a criatividade de Eduardo Aydos.

Enobrecida a Coleção Academia – Humanas com mais esta obra, de largos horizontes e profunda controvérsia, que ao leitor apenas beneficiará.

JOSÉ VICENTE TAVARES dos SANTOS
Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS E CRÉDITOS

Esta publicação reúne as duas primeiras Partes do texto defendido pelo autor, como Tese Doutoral em Ciência Política, no Curso de Doutorado em Ciência Política, UFRGS, em 16 de dezembro de 1998, o qual foi aprovado por unanimidade, com a nota máxima, pelos membros da Banca Examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Marcelo Baquero

Banca examinadora:

Prof. Dr. Benício Viero Schmitt

Prof. Dr. José Antônio Giusti Tavares

Prof.^a Dr.^a Jussara Reis Prá

Prof.^a Dr.^a Maria Augusta Salin Gonçalves

O AUTOR agradece a leitura do texto pelo Prof. Raimundo Tadeu Corrêa e suas valiosas sugestões incorporadas na revisão desta publicação.

AO GÊNIO DA VERDADE E AO SEU CONTRÁRIO...

Quando a PÁTRIA pronunciar sentença,
porque nunca lhe tenha ouvido a razão
mas, tão somente, a rigorosa disciplina
da vontade, que cede à ilusão...

E quando a TERRA conflagrar destino,
porque nunca lhe tenha oferecido paz
mas, tão somente, a espantosa força
da resistência, que se faz saber...

No afã das lutas que travei,
deixai sentir-me ESTRANGEIRO!
Que a verdade fere por contágio!

E a sabedoria... essa virtude rara
e mortal ao GÊNIO que a reclama?
É plágio na rima que o persegue!

E NO ENTRETANTO...

Aos meus AMIGOS... recuso o julgamento,
porque nunca lhes tenha assistido a dúvida,
mas, tão somente, a generosa certeza...
nostalgia dessa incompleta ternura;

Aos meus IRMÃOS... reservo a consciência,
porque nunca lhes tenha socorrido a vaidade,
mas, tão somente, a dolorosa presteza...
da sofreguidão, que em mágoa se consome.

Dos meus ALUNOS... recolho a presença
essa simplória grandeza que denuncia,
como finitude... todo legado que se funda;

Da MULHER e FILHOS... mais que tudo
vivo o amor e a beleza que se encontram,
como eternidade... no tempo que se cumpre!

Créditos pessoais

Minha família - inspiração e força:

Regina, esposa e companheira.
Elena, Manoela e Guilherme,
filhos de uma experiência compartilhada.

***In memoriam* de um tempo que se cumpriu:**

Rejane e Fernanda

Familiares de todo espectro, mortos e vivos, de quem recebi as primeiras e algumas das mais cruciais lições de vida.

Amigos da hora difícil:

Raul e Beatriz Paiva
Nelson Mucenic

Defensor emérito:

Luis Carlos Echeverria Piva

Médica da família:

Sandra Adams

Irmãos de fé e caminhada:

Marisa Ferreira
Ivan Hervé, Dona Josefa
e F. Rivas Neto

Créditos da biografia política

Turma de Vila Oliva:

representada na pessoa de Alberto Pedroso de Albuquerque - *in memoriam*

Professores da minha infância nos colégios Seigné, N.S. dos Anjos, Roque Gonzales e N.S. das Graças - representados na pessoa da Madre Maria Laurita

Professores da minha adolescência no Colégio Anchieta:
representados na pessoa de Walter Seidl

Colegas de infância e adolescência: representados na pessoa dos meus bons amigos Celomar Dayson Gross e Paulo Neves da Silva

Colegas da Faculdade de Direito:
representados na pessoa do nosso memorialista Emanuel Medeiros Vieira

Colegas de Ciência Política em Belo Horizonte:
representados pelos gaúchos da Carangola e adjacências,
Edgard Pontes de Magalhães, Luís Carlos Lucas e Raimundo Tadeu Corrêa,

Professores de Ciência Política e Sociologia: representados na UFRGS por João Guilherme de Souza, José Antônio Giusti Tavares e Leônidas Xausa; e na UFMG por Antônio Octávio Cintra, Fábio Wanderley Reis e José Murilo de Carvalho.

Professores de filosofia: representados por Valério Rohden

Colegas de uma salutar irreverência acadêmica:

Judson Marshall De Cew Jr. e Antônio Cláudio Nuñez - *in memoriam*.

Colegas de Ciência Política - UFRGS: representados pela equipe que consolidou uma tradição da pesquisa em nosso meio - Francisco Luís dos Santos Ferraz, Hélio Henrique Casses Trindade e Mercedes Cánepa

Meu colega de docência na implantação da disciplina de Epistemologia das Ciências Sociais: Fernando Casses Trindade - *in memoriam*

Pesquisadores e funcionários do IESPE-PUCRS:

representados pelo Ir. Ernesto Dewes - *in memoriam*.

Pesquisadores e funcionários do IFCH-UFRGS:

representados na pessoa de Manoel Passos.

Pessoal da FDRH - lembrando que os desencontros do caminho, não anulam o bom esforço dedicado a uma causa - representados na pessoa de Vera Camardelli.

Equipe da Reforma do Estado do RGS de 1991,

representados pelos que me estiveram mais próximos: Benício Viero Schmidt, Henrique Carlos de Oliveira Castro, Jorge Dutra Aydos, José Luís Monteiro Fuscaldo, José Pedro Conceição, Paulo César Timm, Paulo de Tarso de Borba Riccardi e Rodrigo Stumpf González.

Órgãos da imprensa riograndense, que me oportunizaram espaço para a defesa: em especial, à Zero Hora e ao Correio do Povo, e aos jornalistas Amir Domingues, Clovis Duarte e Gilberto Simões Pires, em cujos programas, de rádio e TV, tive a oportunidade de denunciar o fratricídio makbethiano, que caracterizou meu linchamento político pela Administração Collares.

Companheiros de militância política no PDT,

ponto de passagem no amadurecimento

da minha opção político-partidária:

representados na pessoa de Manoel Sarmiento Barata

Companheiros de caminhada,

na campanha eleitoral de 1982:

representados na pessoa de Wálmaro Paz

Pessoal do CeaC - Centro Equipes de Apoio Comunitário:

representados nas pessoas de Ivalino Mottes e Sônia Poletto Timm

Companheiros de militância política no PSDB:

representados nas pessoas de Yeda Crusius - que expressa a convergência necessária da vocação acadêmica com o afrontamento político - e Paulo Renato Souza - que atualiza os antigos vínculos e os compromissos ético-políticos da **Turma de Vila Oliva**.

Créditos intelectuais nesta tese

Alunos de Epistemologia das Ciências Sociais, e Seminários de Política, pelo esforço de reflexão que me exigiram, em especial:

Victor Serrón - que insistiu na superação da problemática do Sujeito;

Fábio Anibal Goiris - que trabalhou o enquadramento teórico de Foucault;

Luiz Alberto Grijó - que apontou o paralelismo paradigmático nos conceitos de Díke, Pístis, Lógos e Alétheia;

Renato Santiago - pela sua intuição da relevância paradigmática da lógica triádica de Peirce

Miguel Serna Forcheri, pela reflexão sobre o tema das pretensões de validez do discurso em Habermas.

Agradecimentos especiais:

Regina Maluf pela pacienzosa leitura do texto, revisão e contribuições ao conteúdo da proposta.

Pe. Jorge Trevisol - pela reflexão que me oportunizou sobre os processos de formação da personalidade e a quaternidade das psicopatologias em Turner.

Luis Osvaldo Leite colega e amigo, incentivador e conselheiro.

Marcello Baquero, orientador.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	9
INTRODUÇÃO	13
PARTE I	
Considerações sobre a consequência epistemológica de um novo paradigma da Filosofia Primeira	17
1. SOBRE A COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DA EPISTEMOLOGIA EM SITUAÇÃO DE SALA DE AULA	18
<i>1.1 Implicações do agir e do fazer comunicativos como tema de investigação epistemológica</i>	19
<i>1.2. O modelo habermas/parsoniano de comunicação e os pressupostos estruturais-funcionais do entendimento</i>	21
<i>1.3. O agir comunicativo na hermenêutica de HABERMAS e os pressupostos funcionais do entendimento</i>	23
<i>1.4. A tríade do fazer comunicativo na semiótica de Peirce e os pressupostos estruturais do entendimento</i>	29
<i>1.5. Princípios e arquétipos: uma tensão diádica na imbricação dos interesses epistemológicos com os campos de atualização do saber</i>	34
<i>1.6. Pretensões de validade do agir e do fazer comunicativos - as quatro expressões da racionalidade e a emergência das quatro manifestações estruturais do saber: filosofia, arte, religião e ciência</i>	41
2. SOBRE A CRISE E RECONSTRUÇÃO PARADIGMÁTICA NA EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEA	46
<i>2.1 Interlocução e confirmação da epistemologia de síntese no movimento de desdogmatização da ciência</i>	47
2.1.1. Vertentes temáticas do novo paradigma da ciência e interesses epistemológicos	48
2.1.2. Condições estruturais do novo paradigma da ciência e campos de atualização do saber	51
2.1.2.1. <i>O ser humano enquanto uma configuração de sentido</i>	54
2.1.2.2. <i>Interpenetração dos campos de atualização do saber na configuração de sentido do agir e do fazer comunicativos</i>	55
<i>2.2. Características emergentes de um novo paradigma da ciência - uma controvérsia sobre a autonomia da ciência</i>	57
3. SOBRE A FUNDAMENTAÇÃO PARADIGMÁTICA DA EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE	63
<i>3.1. Os pólos diádicos da tríplice conexão entre o proferimento e o mundo e sua contribuição à elucidação do modo de produção do saber</i>	64
<i>3.2. A lógica da inferência em PEIRCE e sua contribuição à elucidação do modo de produção do saber</i>	69

3.3. <i>A divisão clássica da filosofia, a concepção triádica do signo e os paradigmas da Filosofia Primeira em Karl-Oto APEL</i>	74
PARTE II	
Epistemologia de síntese	79
4. SOBRE A CONVERGÊNCIA TEÓRICA NA FORMULAÇÃO PARADIGMÁTICA DA EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE - OPERACIONALIDADE DO INTERESSE DA COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DO DISCURSO	80
4.1. <i>Antecedentes e implicações do paradigma triádico na história do pensamento Ocidental</i>	81
4.1.1. <i>A tríade em HEGEL e MARX</i>	84
4.1.2. <i>A tríade em FREUD e JUNG</i>	86
4.1.3. <i>A tríade sígnica no debate epistemológico contemporâneo</i>	87
4.2. <i>A superação da categoria do Sujeito transcendental na convergência teórica das concepções triádicas</i>	88
4.3. <i>Uma abordagem contemporânea da tríade no pensamento social - os pilares da regulação [como fazer comunicativo] e da emancipação [como agir comunicativo]</i>	92
5. A CONFORMAÇÃO DOS SABERES NA SÍNTESE EPISTEMOLÓGICA - OPERACIONALIDADE DO INTERESSE DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO SABER	97
5.1. <i>Análise diagramática das relações triádicas na epistemologia de síntese - esboço de um modelo</i>	106
5.2. <i>As quatro díades da representação parcelar do saber e as quatro relações originárias de sentido no paradigma da tríade sígnica</i>	110
6. O RESGATE DE UMA COSMOVISÃO MITOPOÉTICA NA EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE - OPERACIONALIDADE DO INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SABER	127
6.1. <i>A cultura do androginato e a concepção triádica de Alétheia: a <u>palavra mágico-religiosa</u> na tradição dos poetas, dos adivinhos e dos reis de justiça</i>	132
6.2. <i>Teogonia de Apáte - <u>palavra-instrumento</u>: aprofundamento da ambigüidade da cosmovisão mitopoética no esfacelamento da “verdade” pela sofística</i>	143
6.3. <i>Reconstrução tentativa do quadro epistemológico das seitas filosófico-religiosas: um parâmetro para o resgate de Alétheia - <u>palavra-realidade</u></i>	151
7. PÓS ESCRITO: Uma referência necessária sobre o diagrama heurístico na figuração do modelo paradigmático da epistemologia de síntese	162
7.1 <i>A síntese de Plutarco sobre a VERDADE e o centro dos mundos do SABER... “de tudo o que é e será”.</i>	164
7.2 <i>O princípio heurístico do círculo cruzado, como o arquétipo da reconstrução teórica na epistemologia de síntese.</i>	165
7.3 <i>A guisa de uma conclusão provisória: a natureza última do desafio enfrentado e uma exortação à humildade do seu recolhimento</i>	168

PRÓLOGO

Chegado ao termo do processo auto-reflexivo que ora se apresenta em “A PLANÍCIE DE ALÉTHEIA”, uma advertência necessária deve explicitar - como um prólogo de sua publicação - a concepção do autor sobre o que, afinal, constitui esse momento ímpar da vida acadêmica, que é a elaboração e defesa de uma Tese doutoral.

O doutorado, num passado ainda recente da nossa experiência universitária - como Livre Docência - representava, talvez menos que a conclusão de uma etapa formativa, cumprida no interior da Academia e demarcada por um somatório de créditos disciplinares e pela elaboração de um texto científico, a concessão de um privilégio de autonomia na cátedra. No sentido mais pleno dessa honraria acadêmica, se valorizava a experiência subordinada de longos anos de “assistência” ao detentor prebendário da posse sobre a disciplina a ser ensinada; e, obviamente, a capacidade de elaboração intelectual indispensável à elaboração e defesa de uma “tese”, para cuja produção o bacharelado deveria contribuir com os requisitos necessários do conhecimento formal. No seu sentido mais precário, a qualificação pela experiência chegou a ser reduzida e expressa pelo conceito do “tempo de serviço” na Universidade; e a demonstração prática do domínio sobre os requisitos formais do conhecimento, substituída pela concessão do título por decreto.

Em boa hora - e no bojo de uma reforma, refletida desde o seu próprio interior, mas que obteve o ambiente favorável à sua implantação no quadro do regime autoritário de 1964 -, aboliu-se a cátedra, estendeu-se a autonomia didática a todos os docentes e adotou-se uma sistemática de qualificação acadêmica, baseada na obtenção dos graus de especialização, mestrado e doutorado [e, mais recentemente, do pós-doutorado].

Para a obtenção desses graus, genericamente, o que se passou a exigir foi o desenvolvimento de um processo formal de qualificação acadêmica - que envolve a obtenção de créditos por disciplinas e a aprovação dos respectivos trabalhos de conclusão ou teses. Pelo que se tornou possível, também, a complementação de praticamente todas essas etapas de qualificação [com a possível exceção do pós-doutorado, que ainda responde a critérios distintos de seletividade e informalidade], sem que, efetivamente, seja testada a capacidade produtiva dos seus detentores nas condições reais do respectivo exercício profissional - ou seja, fora do laboratório de qualificação dos cursos de pós-graduação.

É bem provável que não exista alternativa real para o “efeito de globalização” que subjaz a essa tendência: não se pode contrariar a necessidade de qualificação massiva do setor acadêmico, que encontrou na expansão rápida e burocrática da pós-graduação o seu instrumento eficaz. Mas não parece necessário, ou até mesmo lícito, desconhecer alguns sinais de esgotamento - por esclerose prematura - desse processo recente da nossa experiência universitária.

A insistência burocrática na mensuração da qualificação acadêmica pelo número de doutores em nossas universidades atua nessa direção. Pressionado a produzir mais PhDs, o sistema de pós-graduação tende a rebaixar os requisitos para a concessão do mestrado e a abreviar o tempo formativo para a concessão do título doutoral. Como consequência, a própria academia ressent-se da necessidade de um novo título - que seja expressivo de algo mais que o produto asséptico da sua linha de produção formal. Foi assim que surgiu e tende a se cristalizar como um novo título acadêmico o pós-doutorado. Em breve estaremos recorrendo à necessidade de pensar o (pós)pós-doutorado, quem sabe reinventando a Livre Docência...

Não se trata, certamente, de subscrever uma visão nostálgica da Universidade e o modelo elitista do seu “passado” [como se já estivesse resolvido esse problema...], afirmando, por exemplo,

que “*não se formam mais doutores como antigamente...*”. Até porque, é importante ressaltar, o modelo formativo da velha Universidade, com certeza, estaria muito **aquém** das exigências do presente.

Da mesma forma, essa digressão poderia resultar sem sentido, se estivesse aqui a questionar, simplesmente, o nome atual das coisas. Se um PhD, hoje, representa pouco mais do que foi um Mestrado ontem... afinal, que importa isso? Não haveria o rótulo de mudar a essência do produto... poder-se-ia retrucar. E, assim, também, na ótica da burocracia, que o doutor seja verdadeiramente um mestre, parece não ter isso o condão de alterar a essência do resultado, quando o que de fato se trata e está em jogo é a qualificação do sistema de ensino.

Mas a precaução da experiência também ensina que, por detrás das aparências, a ordem dos fatores, como um modo de produção, pode alterar a essência dos resultados - e, sobretudo, que **o tempo...** - ah! esse fantasma da modernidade - é indispensável à reflexão.

Aqui, de alguma forma, a necessidade presente, do enfrentamento à crise paradigmática do cientificismo hegemônico e da extensão dos direitos da cidadania cultural, pela ampliação das oportunidades educacionais, parece situar-se **aquém** e, paradoxalmente, **além** dos procedimentos correntes na Academia.

No modo de produção cultural da Academia, seria conveniente reconhecer-se, com humildade socrática, que a Sabedoria prática pode e deve ser adquirida pelo exercício da atividade produtiva no campo intelectual, muito **aquém** das exigências, disciplinas e requisitos formais, que a residência oportuniza, nos graus mais elevados da educação formal [hoje o doutorado, amanhã...]. E que a sua efetiva disseminação, portanto, está a exigir um comprometimento do sistema educacional, **muito além** dos procedimentos desenhados para a linha de montagem, que hoje encadeia o nosso processo formativo numa sucessão, preferencialmente ininterrupta, de titulações formais.

O excesso e a carência de proteção matam por igual a criatividade e a liberdade necessárias à produção intelectual. O mais difícil é encontrar a justa medida da sua sobrevivência e desenvolvimento. A universidade é um repositório de procedimentos canônicos, destinados à parturição do conhecimento; e a sua estrutura corporativa, uma defesa e um refúgio necessário das restrições e agressões, que as forças irreflexivas do mercado e do poder continuamente opõem à elaboração do entendimento. Não obstante, o decurso de um lapso de tempo, fora do laboratório das múltiplas “graduações”, parece essencial à recuperação da imunidade orgânica aos obstáculos epistemológicos, comprometida pela assepsia destas maternidades do Saber científico. E assim também, o exercício da atividade docente ou investigativa em dedicação exclusiva, no interior das corporações acadêmicas, deveria ser compassada pela experimentação obrigatória, em tempo integral ou parcial, da prática profissional no seu exterior, para que os interesses de fora pudessem, sistematicamente, contaminar de realidade, as ingenuidades de dentro.

Sinto-me à vontade e a cavaleiro de uma biografia intelectual que me autoriza essas conclusões e me impõe a responsabilidade da sua expressão. Compareço algo tardiamente ao veredicto de uma banca doutoral. Mas não acredito que tenha perdido por esperar; nem que o processo dessa experiência singular tenha sido menos válido, sob o ponto de vista da instituição acadêmica. Ao contrário, tenho a pretensão de lhe aportar, na minha chegada, alguma coisa, talvez, **aquém**, mas com certeza e paradoxalmente, **muito além** do que um trabalho bem feito segundo as normas técnicas e o estado da arte na disciplina científica.

Tenho para mim que a **medida de um homem** é a condição do seu acesso à Sabedoria e, assim, à Verdade. Por isso mesmo toda obra é reflexão, toda reflexão é biografia, e toda biografia traduz o mundo da vida... onde se insere o homem na sua medida.

Exatamente por isso, procurei amarrar no produto, submetido à banca doutoral, mais que o teste de uma hipótese, a expressão de uma visão de mundo. Daí porque considero essencial, à avaliação deste texto, a compreensão profunda do significado que ele aporta na trajetória do indivíduo, do intelectual e do cidadão que o produziu, ressaltando nisso a dialética fundamental da obra feita e da sua circunstância - do meu **fazer** e do meu **agir comunicativos**.¹

“**A Planície de Alétheia**” elabora os traços de uma intuição que me levou à refundição de conceitos correntes na teoria social e da comunicação, na perspectiva de um **modelo paradigmático** do processo do conhecimento.

No intuito de testar a pertinência e consistência desse paradigma - que denominei **epistemologia de síntese** - procurei aplicá-lo em diferentes contexto teóricos: tanto no espaço diacrônico da história do pensamento, resgatando a concepção triádica do signo, numa sucessão de abordagens do processo do conhecimento que remontam a Platão e à cosmovisão mitopoética da Grécia Homérica; como no espaço sincrônico da interdisciplinaridade da política e da psicologia, e do compartilhamento paradigmático entre as esferas do Saber filosófico, científico, artístico e religioso.

No contexto desta Tese, o modelo paradigmático da epistemologia de síntese: é contextualizado numa divisão dos estudos filosóficos, compatível com a enunciação do terceiro paradigma da Filosofia Primeira pela Semiótica Transcendental de APEL; oportuniza uma reflexão sobre o campo de estudos e os enfoques da ciência política e sua interação com a psicologia social; resgata um sentido à expressão artística do grande arquétipo da corrupção do poder, na obra de SHAKESPEARE; e articula uma perspectiva para a análise comparada das convergências conceituais em três arcanas Tradições das religiões profundas.

¹ Faz-se necessária, aqui, a remissão a dois outros textos deste autor, contemporâneos do tempo em que se gestou esta tese, e que traduzem, de um lado, o compromisso militante do intelectual na proposição de alternativas para o afrontamento político, e de outro, a reflexão do cidadão sobre a sua própria biografia, trazendo à sua mesa de trabalho valores e intuições que refletem a experiência vivida da totalidade que ora se submete à crítica sistemática no seio da academia. O primeiro texto em relevo, “**Democracia Plebiscitária - Utopia e Simulacro da Reforma Política no Brasil**”, publicado em 1995, constitui-se numa reflexão sobre temas provocativos da atualidade política, que se concentram no conteúdo de quatro teses autodenominadas “irreverentes”: a) a proposta do ostracismo para uma atribuição positiva de responsabilidade política; b) o questionamento do monopólio do poder constituinte pelo Congresso Nacional; c) a defesa da supremacia política do Congresso Nacional; e d) um repto ao Estado unitário e o desafio da construção de uma República Confederativa. Nestas quatro dimensões estratégicas para a consolidação da democracia, resgatam-se ao afrontamento político os princípios do governo republicano, do constitucionalismo, da separação dos poderes e do federalismo. Mais além, “Democracia Plebiscitária” enfoca, ainda, numa abordagem de nível tático, sete pontos nevrálgicos para a sustentação da mudança no modelo político - tópicos de uma complementaridade necessária, entre itens do que se tem denominado de reforma política e de reforma do Estado - buscando o corretivo de alguns estragamentos graves da nossa tecitura institucional. No segundo texto, “**Pequenos MaKBeTh - O grande arquétipo da corrupção do poder na encenação trágica de uma Reforma do Estado**”, texto publicamente depositado no arquivo histórico de história política da UFRGS, por ocasião da defesa desta tese, o autor expõe à análise alguns episódios da sua biografia recente que, efetivamente, se constituíram na circunstância pessoal e no ambiente intersubjetivo, aos quais responde, em alguns dos seus aspectos mais significativos, o conteúdo da reconstrução teórica empreendida em “**A Planície de Alétheia**”. Explicita, destarte, algumas dimensões da compreensão participativa e do fundamento ético-político, a partir do qual as reflexões contidas no modelo paradigmático da epistemologia de síntese manifestam sua concretude. Foi crucial para essa elaboração a experiência colhida pelo autor, como coordenador executivo do Projeto REFORMA DO ESTADO de 1991 no Rio Grande do Sul. Em torno dele, o drama pessoal e o recolhimento de um sentido, transcendente aos acontecimentos, compõem a visão de mundo que vai se consubstanciar no texto acadêmico. Inversamente, o modelo paradigmático encontra nos fatos - descritos pela observação participante - um parâmetro empírico da sua aplicação e corroboração.

Na articulação destes conteúdos, a imbricação dos seus dois momentos produtivos, do paradigma e da sua aplicação, como expressões bem marcadas de um **fazer** e de um **agir comunicativos**, **denuncia uma transpiração de vida**. Identifico nisso **o terceiro aspecto desse trabalho**, digno de realce nesse Prólogo.

Gravataí, 16 de dezembro de 1998.

INTRODUÇÃO

“Os mundos não são infinitos... não existe apenas um, nem cinco, mas cento e oitenta e três. Reúnem-se em forma de triângulo, à razão de sessenta por lado; os três que restam estão colocados cada um em um ângulo. Os mundos vizinhos encostam, portanto, uns nos outros, no curso de suas revoluções, como numa dança. A superfície interior do triângulo serve a todos estes mundos, como sede comum, e se chama Planície de Alétheia. É aí que jazem imóveis os princípios, as formas, os modelos daquilo que foi e de tudo que será. Em torno destes princípios, encontra-se a eternidade, da qual o tempo foge como uma onda, dirigindo-se para os mundos. Tudo isso pode ser visto e contemplado uma vez, a cada dez mil anos, pelas almas humanas, caso estas tenham vivido bem; e as melhores iniciações desta terra são apenas um reflexo desta iniciação e desta revelação. As conversas filosóficas têm como razão de ser o fato de nos recobrar a memória dos belos espetáculos de lá, ou, senão, de nada servem”. [PLUTARCO, apud DETIENNE, Marcel. 1981: 64.]

Eram dez mil anos, no tempo e na linguagem figurada de Plutarco, que transcorriam entre a intuição, formalização e consolidação de um paradigma, como um caminho de acesso ao descortino da Verdade, nas belas e generosas paragens da Planície de Alétheia.

Mas o tempo encurtou, à medida que se avançou no processo de complexificação e condensação da consciência-Humanidade. Dez mil anos podem ter transcorrido, ainda ontem, na curta experiência de alguns séculos do projeto da modernidade, e podem representar hoje - nessa transição da pós-modernidade que estamos vivendo - um desafio a ser encarado no espaço de apenas uma ou duas gerações.

A **completação da modernidade**, que se projeta no desenvolvimento exponencial da capacidade instrumental-cognitiva da Humanidade - a revolução científico-tecnológica do nosso tempo - ao mesmo tempo que, nos processos simbólicos da comunicação, encurta a distância entre o pensar e o acontecer, entre o agir e o fazer, ao ponto de reduzi-la a uma instantaneidade virtual, nos confronta, também, com uma dramática redução de horizontes para continuidade do padrão de experimentação e erro, que sustentou nosso modelo civilizatório.

Vivemos a **Idade do Conhecimento**, que nos alcançou um extraordinário poder de transformação sobre a Natureza e a própria Sociedade, e assim uma enorme capacidade de realização do Bem, do Mal. Mas as questões éticas e políticas não resolvidas da convivência humana, que emergem e se agravam na esteira desse desenvolvimento, nos levam a questionar a sua lógica e sentido. Desigualdades e violência inauditas têm acompanhado essa evolução e nos ameaçam de um futuro sombrio e regressivo, na ausência de uma perspectiva concreta para o seu enfrentamento.

Diante das ameaças constantes de sofrermos, o Mal e a dificuldade crescente de visualizarmos o Bem, corremos o risco de, desesperadamente, tentarmos consolidar o Neutro, e com ele - o vazio de sentido do descompromisso moral - quase como se fora uma reedição da hegemonia sofisticada, que erodiu os alicerces políticos da democracia ateniense.

E, não obstante, nos aproximamos céleres de uma nova Era, que poderíamos designar como a **Idade da Vida**, quando o poder de dominação, pelo Conhecimento que já acumulou o Saber e os

recursos necessários para a nossa autodestruição em escala global, ensaia agora os primeiros passos para a decifração dos códigos e das leis que regulam os processos genéticos da matéria-vida. Mais uma vez, a Humanidade defronta a promessa e o ônus da sua penetração num território interdito do “*sanctus*” da Consciência universal.

Não será demais lembrar a insistência com que a ficção científica nos tem alertado - e com realismo profético - para as monstruosidades que nos podem reservar a ultrapassagem de alguns limites de segurança, que o processo civilizatório tem relutado em estabelecer, na perspectiva desse desenvolvimento. A manipulação intencional dos processos gerativos, para a conformação da vida humana aos desígnios de um qualquer poder, e desequilíbrios acidentais, eventualmente irreversíveis, introduzidos nas cadeias genéticas, não podem mais ser reduzidos às dimensões de uma contra-utopia literária. Representam desafios concretos, que amplificam e multiplicam, à sua enésima potência, as razões de angústia, que deprimiam a cidadania dos anos cinquenta, com o temor de uma guerra nuclear. E nos cobram respostas...

Respostas que não são evidentes e que são particularmente difíceis de serem elaboradas. Respostas para cuja elaboração o estado atual da arte, no processo do conhecimento científico, parece já opor mais obstáculos do que aportar contribuições.

Até bem pouco tempo atrás, era possível, em escala societária, justificar-se uma atitude precavida diante do mundo que explode fora do nosso controle, dizendo, por exemplo, que afinal, sabemos o que não queremos; e que isso já é um ponto de partida, suficiente para nos orientar a ação e assim repousar a consciência. Sabemos hoje que essa atitude irreflexiva - do **agir**, que se recusa a obrigação de **fazer** - é regressiva. Torna-se incapaz de deter o indesejável, que agora já medra fora do seu alcance e, se porventura o atinge, corre o risco de acabar reproduzindo o monstro que internalizou nesse combate: uma contraditória reificação das próprias razões, em perspectiva de contramão na história.

Uma das críticas mais amargas que a ciência social enfrenta nos dias que passam, de dentro e de fora do seu próprio círculo de conhecimento, diz respeito, exatamente, à sua **dificuldade em oferecer respostas produtivas**², às insatisfações que permite detectar e aos estrangulamentos do desenvolvimento da consciência-Humanidade, que permite compreender.

Desde o círculo interior à ciência, constata-se **a insuficiência dos modelos teóricos** para a elaboração do conhecimento, que foram construídos no processo da modernidade, cuja transição estamos vivendo. Nesta etapa do processo civilizatório, que alguns já querem definir como uma transição ainda mais avançada - da própria pós-modernidade - tornam-se cada vez mais inaceitáveis a derivação e a subordinação implícitas na oposição dualista dessas realidades polares, que alternam sua dominância sobre os discursos da modernidade: a conjuntura não é suficiente para justificar a estrutura; e a estrutura não explica satisfatoriamente a conjuntura.

Sobretudo, nos aflige o fato de que as concepções teóricas, que se polarizam em torno da dominante estrutural, derivam dos aspectos relevantes da função e da ação sociais, como variáveis dependentes, inexoravelmente submetidas à lógica do “Sistemão” - projetando nisso um conservadorismo que tolhe a criatividade na história. Preocupa-nos, ainda, o fato de que, por outro

² Da *masturbação sociológica* que a irreverência do Serjão explodiu na imprensa, à esterilidade asséptica de alguns fundamentalismos da hora presente, que pretendem resolver com velhas receitas teóricas, os problemas emergentes da sua própria incapacidade de resposta aos novos desafios do processo civilizatório, os sinais começam a tornar-se claros, de uma dificuldade crescente de encaminhar, num sentido reflexivo e construtivo, as soluções necessárias para os estrangulamentos provocados pela desigualdade, pela instabilidade, e pela brutalidade da vida e do poder na sociedade contemporânea.

lado, as concepções teóricas que se constroem em torno de uma dominante conjuntural derivam os aspectos relevantes da estrutura, como produtos imediatos dos sucessos da ação, recaindo destarte na violentação das condições objetivas, que enquadram os limites da sua possibilidade histórica, e projetando na sua esteira as doenças infantis do ativismo político mais insequente.

Questiona-se, fundamentalmente, o antagonismo das concepções de mundo, que se submetem à polaridade lógica do sujeito e do objeto, da ação e da estrutura, do voluntarismo e do determinismo, no equacionamento dos problemas teóricos e práticos da vida política. Liberalismo e marxismo constituem macroparadigmas desse perspectivismo inconciliável, o qual se reproduz, no entanto, no espaço interno de cada uma destas duas tradições da teoria social, até porque são complementos indissociáveis, um ao outro, na sua permanente e irresolvida oposição. E, não obstante a consciência aguda dessa crise que a Academia tem manifestado, são ainda poucos os espíritos científicos que têm tido **a ousadia de trabalhar além-limites destes paradigmas que se anulam e se esgotam.**

Por isso mesmo, o **primeiro aspecto a ser ressaltado**, na originalidade do trabalho que ora apresentamos à crítica, reside exatamente aqui. Essa tese enfrentou, clara e decididamente, a ruptura das amarras que têm submetido a produção teórica nas ciências sociais à hegemonia do pensamento marxista ou liberal. Vivenciamos, assim, como um desafio singular e indiscartável, esse momento crítico da pós-modernidade em que “a biografia cobra do homem de ciência a ultrapassagem de mais um limiar - que talvez fosse adequado preparar *cum grano salis* - pelo tempero do sal da ironia, que o conselho sábio de Lefebvre nos oferece - eis que: *Melhor do que o discurso sério, ela liga ao “mundo” da linguagem, ao discurso que se quer total e nunca consegue, o que vive aquém e além da linguagem e do discurso.* (Lefebvre 1969, pag. 57)”

De fato, à medida que avançamos no sentido da transposição dessa última fronteira, onde o discurso acadêmico se liga ao mundo da linguagem, alcançamos um nível de aprofundamento e uma amplitude de investigação que nos propõem o descortino dessa terra de ninguém, onde a ironia do destino e o interesse da razão nos têm jogado **aquém** e, no entanto, para muito **além** do que autorizam a linguagem e o discurso correntes nas ciências sociais. Pelo que, também, nos obrigamos a enfrentar todo um conjunto de dificuldades, que representam as limitações desse trabalho - as quais, temos consciência, afetam não apenas o aprofundamento possível dos temas abordados nessa tese, mas até mesmo a sua imediata assimilação pela comunidade acadêmica.

Introduzimos, numa discussão sediada na esfera disciplinar da ciência política, um vasto conjunto de conceitos e axiomas, que raramente são trabalhados no seu dia-a-dia, embora estejam subjacentes em todo seu esforço de auto-reflexão comunicativa. Nos obrigamos a um trabalho deveras árduo para identificar, compatibilizar e sistematizar esses instrumentos teóricos, de forma inédita no estado da arte, perseguindo sempre um duplo objetivo: a consistência interna do modelo paradigmático em construção e a emulação da sua capacidade de resposta às questões substantivas, que a vida política nos cobra, como os enunciados de um compromisso ético temperado pelas exigências da sabedoria prática.

Utilizamos, com inusitada freqüência em estudos dessa natureza, o recurso da análise morfológica - a utilização de gráficos, que se incorporam ao argumento, pela coercitividade lógica dos seus espaços de propriedade - buscando nisso o enquadramento heurístico que direciona essa investigação e uma demonstração mais clara da correspondência entre os conceitos trabalhados. Foi exatamente essa constrição assumida no plano metodológico, que nos impulsionou ao desvelamento de um fundo comum de Verdade, que é denotado pela convergência teórica de autores tão distantes como Platão e Foucault, em áreas tão distintas como a ciência política e a psicologia social, em tradições culturais tão opostas como o Oriente e o Ocidente. Essa **Verdade arcana e partilhada**, da

forma como se torna palpável em nossa elaboração, se constitui num **segundo aspecto relevante dessa Tese: uma concepção de mundo que se propõe resgatar a dignidade dos Saberes**, que subjazem à divisão estrutural do conhecimento na Ciência, na Filosofia, na Arte e na Religião.

Talvez aqui se tenha experimentado, de uma maneira *sui generis*, a **segunda ruptura epistemológica** propugnada pelo mestre português e universal Boaventura de Sousa SANTOS [1989]: uma ruptura da ciência consigo mesma, em busca de um novo conteúdo de verdade no senso comum da vida. Advirta-se que esse novo senso comum não é aquele constituído pelo imediatismo de uma opinião irrefletida mas, bem ao contrário, constitui-se pelo resgate de uma reflexão profunda, cujos conceitos e axiomas são convergentes, num espaço **aquém**, mas também **muito além**, da linguagem comum da ciência.

Reconhecemos que essa **segunda ruptura** apenas engatinha. Seu processo é lento e a direção da sua consolidação é ainda, num horizonte mais amplo, imperscrutável. Por isso mesmo, essa Tese constitui-se em campo aberto para o debate necessário e a revisão sistemática dos seus próprios postulados. Ao longo da sua elaboração, permanentemente adotamos essa atitude e, inúmeras vezes, nos surpreendemos nesse fazer. Adentrando novos campos de investigação, sentimos a necessidade de voltar sobre os espaços já percorridos e reconstruir as relações entre conceitos e axiomas que, antes, pareciam já definitivamente clarificados e totalmente estabilizados no modelo paradigmático. E nisso, não fizemos mais do que confirmar a abertura e a circularidade do paradigma em construção. Do que emerge, também, uma convicção muito precisa: que a arquitetura planimétrica de um construto dessa natureza, certamente, ultrapassa os limites de uma tese doutoral e as possibilidades de elaboração de um investigador isolado. Da nossa parte, fizemos o melhor possível. Certamente há muito ainda que retornar sobre os nossos passos; há muito que precisar e desenvolver na perspectiva que a nossa intuição descortinou. Invocamos aqui a generosidade do tempo e a inflexibilidade da crítica, que representam, nesse sentido, a melhor expectativa de recompensa do autor.

E assim, por tudo que resta ainda por esclarecer, devo mencionar, entretanto, que esta Tese não pretende constituir-se num tratado de história da filosofia ou das concepções epistemológicas que aqui são abordadas e contrastadas.

Seu enfoque não é descritivo-analítico. Trata-se, ao contrário, de uma tentativa de síntese, pelo que se requer graus de liberdade, relativamente à ancoragem originária dos próprios conceitos que se manipulam. Porque, também, ao longo da sua elaboração, o tratamento não é monográfico; não se pretende esgotar nas citações o pensamento dos respectivos autores - ou mesmo polemizar as suas concepções enquanto tais.

Toda a referência serve, apenas, ao intento de ilustrar o conteúdo do texto, relevando a consequência da sua própria concepção e dos seus próprios fundamentos. As citações, no entanto, impõem-se e valem pelo crédito intelectual, que se reconhece aos respectivos autores, e pelo mapeamento, que permitem esboçar das conexões heurísticas dos conceitos aqui elaborados.

Na lição de Aristóteles, entendo que o desvendar de um tema ao conhecimento, impõe ao seu pretendente o compromisso da *sabedoria prática*: de encarar esse processo como um esforço de auto-conhecimento; de vivenciá-lo em suas conclusões, da forma mais consistente possível; e, nesse esforço, de buscar sempre o referencial mais amplo dos fatos e dos conceitos que o enquadram no ambiente dessa totalidade dinâmica, que constitui o mundo da vida.